

ESPAÇO URBANO, OPRESSÃO E RESISTÊNCIA: AS FIGURAÇÕES DA CIDADE EM *O SOL NA CABEÇA*, DE GEOVANI MARTINS – CONSIDERAÇÕES FINAIS DE PESQUISA¹

Leandro Souza Borges Silva²

RESUMO

Pretende-se analisar como a cidade é representada nos contos “Rolézim” e “Espiral”, narrativas que compõem, dentre outras, a coletânea *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins. Nessa obra, o autor ficcionaliza o cotidiano dos moradores da periferia, empregando uma linguagem politicamente engajada, escancarando as malhas de uma sociedade desigual e segregacionista. Dessa maneira, constituindo-se de abordagem bibliográfica, esse trabalho tem embasamento nas premissas de Leonor Arfuch (2010), que conceitua a noção de Espaço Biográfico, e Renato Cordeiro Gomes (1999), que postula relevantes apontamentos sobre o Espaço Urbano. Ademais, fundamenta-se também em Sandra Jatahy Pesavento (2002), que compreende a apropriação da urbe como prática articulatória de signos, na qual identidades sociais culturalmente construídas encontram-se em constante processo de significação. Portanto, essa discussão se justifica por investigar, através da análise literária, de que forma a cidade é representada por escritores periféricos. Assim, considera-se relevante destacar perspectivas a contrapelo, problematizando, por meio da abordagem literária, a democratização dos espaços e o diálogo com alteridades historicamente marginalizadas. Conforme o resultado, nota-se que a cidade, mesmo sendo espaço da repressão e do conflito, também se efetiva lugar de legitimação identitária e resistência.

Palavras-chave: Cidade, Espaço Biográfico, Geovani Martins, Resistência, Repressão.

INTRODUÇÃO: DA METODOLOGIA E PRINCIPAL REFERENCIAL TEÓRICO

Ao tematizar possíveis representações vivenciais da cidade, compreende-se o fenômeno literário em suas implicações sociais, históricas e políticas, de forma a salientar o fazer literário enquanto prática que (re)significa conjunturas e contextos na qual estão inseridos escritores e leitores. O fenômeno literário, nesse sentido, por sua constituição plural,

¹ Esse artigo é uma síntese e recorte da pesquisa intitulada ‘Narrativas de si na cidade: O espaço urbano periférico em Amara Moira e Geovani Martins’, pesquisa de mestrado inserida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), sob orientação do professor dr. Ricardo Oliveira de Freitas (UNEB/UESC) **E-mail:** ricofrei@gmail.com

² Doutorando em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGLLR), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas, também pela UESC. **E-mail:** leandroborges@hotmail.com

diversa e transdisciplinar, possibilita abordagens que extrapolam sua feição estética, enquanto objeto apenas para fruição, a fim de abarcar questões que, senão implícitas no discurso literário, estão escancaradas na formação textual, na realidade social do autor e no cotidiano de seus leitores, do público.

Nesse entendimento, considera-se relevante conceber a literatura como artefato e documento resultante de configurações sociais específicas, perscrutando as significações culturais que se delineiam por entre as brechas da expressão artística. Sendo assim, pretende-se analisar de que maneira a cidade é representada nos contos “Rolézim” e “Espiral”, narrativas que compõem, dentre outras, a coletânea *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins. Nessa obra, o autor ficcionaliza o cotidiano dos moradores da periferia, empregando uma linguagem politicamente engajada e escancara as malhas de uma sociedade segregacionista.

Constituindo-se de abordagem bibliográfica, esse trabalho tem embasamento nas premissas de Leonor Arfuch (2010), que conceitua a noção de Espaço Biográfico, e Renato Cordeiro Gomes (1999), que postula relevantes apontamentos sobre o Espaço Urbano. Ademais, fundamenta-se também em Sandra Jatahy Pesavento (2002), que compreende a apropriação da urbe como prática articulatória de signos, na qual identidades sociais culturalmente construídas encontram-se em constante processo de significação. Portanto, essa discussão se justifica por investigar, através da análise literária, de que maneira a cidade é representada por escritores periféricos.

Assim, considera-se relevante destacar perspectivas a contrapelo, problematizando, por meio da abordagem literária, a democratização dos espaços e o diálogo com alteridades historicamente marginalizadas. Nesse viés, tem-se o propósito de destacar que a cidade, mesmo sendo espaço da repressão e do conflito, também se efetiva lugar de legitimação identitária e resistência. Os espaços são ocupados e ressignificados de formas distintas, modificando a cidade e atribuindo-lhe feições que espelham condicionamentos subjetivos e simbólicos.

Nesse contexto, ao articular as noções de espaço urbano (GOMES, 1999; PESAVENTO, 2002) e espaço biográfico (ARFUCH, 2010), pretende-se também problematizar a obra de Geovani Martins enquanto elemento que referencia sua trajetória vivencial e social, mesmo que seus contos transitem na esfera ficcional. Para ensaiar possíveis implicações autobiográficas presentes n’*O sol na cabeça*, será brevemente fundamentada uma crítica biográfica que relaciona obra, vida e cultura do artista (SOUZA, 2007; NOLASCO, 2010; BESSA-OLIVEIRA, 2014), a fim de conceber as narrativas de Martins como produção

literária vinculada às suas vivências e contexto social. Por essas vias, considera-se também a expressão marginal-periférica da coletânea que, conforme Nascimento (2006), Arias (2011) e Patrocínio (2016), apresentam elementos autobiográficos que reverberam a realidade do escritor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - O SOL NA CABEÇA: FIGURAÇÕES DA CIDADE

Coletânea de treze contos, *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins, apresenta narrativas empolgantes, de linguagem desenvolta e temática abrangente, pois aborda experiências comuns à subjetividade humana, a exemplo de enredos que falam de relações amorosas, infância, medo, opressão, perda e liberdade. Nascido em Bangu, no Rio de Janeiro, o autor aborda essas temáticas enfocando perspectivas que referenciam seu lugar, sobretudo como escritor oriundo da periferia, sendo reconhecido pela crítica e adquirindo projeção internacional. Ao referendar seu lócus espacial e social, a coletânea de Geovani Martins contextualiza sua experiência vivencial e ficcionaliza fatos coletivamente cotidianos, estilizando uma escrita com sofisticada elaboração linguística e transpassada linguagem coloquial e popular. Sendo uma notável escrita marginal-periférica que desponta no cenário literário contemporâneo, *O sol na cabeça* se constitui produção híbrida que salienta a capacidade narrativa do autor que, ao intercalar abordagens universais às perspectivas locais, rompe fronteiras.

As narrativas do escritor carioca, portanto, possibilitam efetuar notáveis apontamentos acerca da contraditória feição do cenário urbano. A cidade, enquanto instância complexa, se concretiza por entre as ruas, bairros, vielas, avenidas, cruzamentos, vias e becos, se estabelecendo como campo plural, diverso e heterogêneo. Problematizar a representação do espaço urbano na obra de Geovani Martins implica entender que a cidade, em sua dimensão estrutural e simbólica, é transpassada por relações sociais e políticas antagônicas, pois a constituição da metrópole, por entre ruas, vias, praças e redutos é resultado de transformações e modelizações urbanas empreendidas no devir histórico. Conceber a cidade em sua constituição plurissignificante requer entender que os lugares são transpassados por subjetividades heterogêneas, a exemplo dos inadaptados, camadas segregadas às margens que, no dizer de Renato Cordeiro Gomes (1994), se contrapõem à atrofia da experiência e se insurgem contra a exclusão que lhe é imposta.

Esses sujeitos, ao defenderem a democratização dos espaços, escancaram as ambivalências que se amparam na cidade, intuindo reforçar a partilha e socialização dos

lugares. Nota-se, portanto, que Geovani Martins, enquanto escritor e articulador da cultura periférica nos variados meios de comunicação, atua em favor da partilha dos espaços, pois advoga o protagonismo do lócus periférico nas esferas sociais e culturais. Para Sandra Jatahy Pesavento (2002, p. 13), “a literatura tem, ao longo do tempo, produzido representações sobre o urbano, que traduzem não só as transformações do espaço como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes”. A literatura, assim, apresenta potencial relevante no que diz respeito à compreensão da cidade, suas mudanças e as influências das configurações citadinas sob as subjetividades que são sensíveis e sociáveis nesse campo. Para Renato Cordeiro Gomes, o espaço urbano é o território onde se verifica a pulverização das identidades e a fragmentação da sociabilidade:

A metrópole não é mais o espelho que poderia confirmar a identidade de corpo inteiro. A pólis perversa gerada pela modernidade associa-se à fragmentação e à ruína da sociabilidade. [...] Este é o universo da grande cidade moderna, lugar da experiência de ser estranho no mundo, de estar sob o signo da precariedade e do desamparo, cujos heróis são os inadaptados, os marginais, os rejeitados que reagem à atrofia da experiência. (GOMES, 1994, p. 69).

Nesse caso, considera-se mais pertinente entender a urbe como território de significação por onde a sociabilidade cria mecanismos de interação entre os sujeitos, com a intenção de superar a premissa de cidade enquanto espaço onde se percebe a ruína da sociabilidade. Ao comentar a respeito desses heróis inadaptados, Gomes suscita reflexões que apontam para experiências calcadas no desconforto urbano, expressões que leem e escrevem a metrópole ressaltando seu revés constante. Dessa forma, representar e escrever o espaço urbano, na perspectiva dos inadaptados, implica mobilizar os sentidos citadinos que se encontram em constante processo de mutação. O espaço urbano, nesse sentido, ao ser transpassado por relações confluentes e antagônicas, adquire potencial reflexivo, dentre os quais a relação que pode ser feita com o espaço biográfico.

Leonor Arfuch (2010) conceitua esse espaço como expressão permeada pela variedade de gêneros e plataformas. O espaço biográfico, portanto, é compreendido enquanto campo que abarca diversas narrativas, de forma que gêneros biográficos cristalizados, a exemplo das memórias, autobiografias, diários íntimos e confissões se tornam presentes em outras esferas de comunicação. Ao entender os gêneros (auto)biográficos em suas características transdisciplinares, a teórica argentina problematiza a univocidade desses gêneros, destituindo-os de suas denominações universais. *O sol na cabeça*, assim, mesmo que não faça parte estritamente do campo autobiográfico, se constitui produção que diz respeito à experiência

contextual e social do autor. Nesse contexto, a pensadora argentina exemplifica os diversos gêneros que permeiam o espaço biográfico:

Um primeiro levantamento não exaustivo de formas no apogeu – canônicas, inovadoras, novas – poderia incluir: biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos – e, melhor ainda, secretos –, correspondências, cadernos de notas, de viagens, rascunhos, lembranças de infância, autoficções, romances, filmes, vídeo e teatro autobiográficos, a chamada *reality painting*, os inúmeros registros biográficos da entrevista midiática, conversas, retratos, perfis, anedotários, indiscrições, confissões próprias e alheias, velhas e novas variantes do show (talk show, reality show), a videopolítica, os relatos de vida das ciências sociais e as novas ênfases da pesquisa e da escrita acadêmicas. (ARFUCH, 2010, p. 60).

O espaço biográfico abarca variadas modalidades de expressão ao abranger elementos biográficos em diversos e múltiplos âmbitos comunicacionais, desde produções canônicas até as mais inovadoras manifestações de teor pessoal/social. Nesse entender, sendo obra ficcional, as narrativas de Martins não figuram, estritamente, no seio da escrita autobiográfica, no entanto referenciam a experiência social do autor que, ao estilizar o lócus periférico, constrói personagens que não estão distantes de sua realidade. Leonor Arfuch (2010), por exemplo, ao mencionar o gênero romanesco como potencialidade integrativa do espaço biográfico, salienta a possibilidade de narrativas não-biográficas comporem esse espaço, tendo em vista que a teórica não desvincula o sujeito produtor de sua obra. O Conto, gênero narrativo predominante n’*O sol na cabeça*, é considerado desdobramento do gênero Romance, o que permite considerar a tipologia Conto também enquanto integrante desse espaço. Defende-se, portanto, que mesmo não sendo autobiográfica, a obra de Martins diz respeito ao seu lócus social e suas vivências.

Em “Rolézim”, primeiro conto da coletânea, o autor representa a subjetividade periférica em suas angústias, medos e esperanças. Nesse conto, o personagem descreve seu dia na praia, comentando sobre o clima ensolarado, o calor e as possibilidades em sair de casa. O primeiro obstáculo para deslocar-se até a praia é o financeiro: “Tinha dois conto em cima da mesa, que minha coroa deixou pro pão. Arrumasse mais um e oitenta, já garantia pelo menos uma passagem, só precisava meter o calote na ida, que é mais tranquilo.” (MARTINS, 2018, p. 9). Ir à praia, nesse sentido, requer protelar a alimentação matinal, o que demonstra o contexto precário dos setores periféricos no espaço urbano. Durante a narrativa, depois de longos percalços, o personagem, ao chegar à praia, encontra mais dificuldades, conforme exemplifica o trecho a seguir:

Chegamo na praia com o sol estalando, várias novinha pegando uma cor com a rabeta pro alto, mó lazer. Saí voado pra água, mandando vários mergulho neurótico, furando as onda. A água tava gostosinha. Nem acreditei quando voltei e vi o bonde todo com mó cara de cu. O bagulho era que tinha uns cana ali parado, escoltando nós. Tava geral na intenção de apertar o baseado, e os cana ali. Esses polícia de praia é foda. Tem dia que eles fica sufocando legal. Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva pra gringo, pros playboy, sei lá. Sei é que quando eu vejo cana querendo muito trabalhar fico logo bolado. Coisa boa num é! (MARTINS, 2018, p. 12).

A praia, sendo ambiente público e coletivo, adquire caráter privado quando influências repressivas intentam delimitar a presença de pessoas negras e pobres nos espaços públicos. Deslocar-se da favela para locais centrais e de lazer expõe o sujeito periférico a uma série de discursos que coagem sua individualidade. A polícia, no trecho, se estabelece como presença que sufoca e interdita a circulação de indivíduos oriundos das margens da cidade, o que atesta a configuração antagônica, conflituosa e desigual do espaço urbano (GOMES, 1999; PESAVENTO, 2002). De acordo com Érica Peçanha Nascimento, a literatura marginal autentica seus produtores numa “classificação representativa do contexto social nos quais estariam inseridos: à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico das cidades e da participação político-social.” (2006, p. 15).

Nesse sentido, percebe-se que, em *O sol na cabeça*, os sujeitos da periferia experienciam cotidianamente os conflitos decorrentes de uma organização socioespacial excludente que relega às periferias grupos marginalizados, atestando a premissa do espaço urbano enquanto território permeado de conflitos e tensões sociais, conforme Gomes (1999). O morador da favela, portanto, é visto como elemento estranho nos locais não-periféricos, sendo alvo do racismo estrutural vigente. Em “Rolézim”, percebe-se que transitar nos ambientes de lazer suscita entretenimento e diversão, mas também implica situações permeadas de discriminação e preconceito:

Ninguém queria pedir pros maconheiro playboy lá da praia, tudo mandadão, cheio de marra. [...] O que me deixa mais putó é isso, menó. Tava os dois lá, de boqueira. Aí, quando chegou o Tico mais o Poca Telha pra pedir um bagulho pra eles, na humilde, ficaram de neurose, meio que protegendo a mochila, olhando em volta pra ver se num vinha polícia. Num fode! Tem mais é que ser roubado mermo, esses filho da puta. Não fosse minha mãe eu ia meter várias paradas na pista, sem neurose, só de raiva. Foda é que a coroa é neurótica. Ainda mais depois do bagulho que aconteceu com meu irmão. Ela sempre me manda o papo de que se eu for parar no Padre Severino ela nunca mais olha na minha cara. Bagulho é doido! (MARTINS, 2018, p. 13).

Circular pelos espaços públicos acarreta não somente na opressão policial, mas também em conflitos com setores oriundos de classes sociais diferentes. No trecho, jovens da classe média/alta discriminam moradores da favela. Tal circunstância, mesmo que seja ficcional, constata o racismo estrutural que, além de institucionalizado, acontece em variados âmbitos da cidade. Os contos do livro, em meio a diferentes temáticas, enfocam a condição de subjetividades que foram alocadas às margens da estrutura social e urbana. Porém, na coletânea, esses sujeitos adquirem protagonismo ao serem descritos como pessoas em constante processo de conflito social e pessoal, pois em algumas narrativas nota-se que as camadas periféricas antagonizam a cidade em contraposição à periferia, elucidando os mecanismos segregacionistas e a discriminação nos palcos da experiência cidadina.

Nesse sentido, Geovani Martins protagoniza o lócus periférico e empreende uma escrita cuja expressão permite refletir acerca de possíveis autobiografias urbanas, tendo em vista que a relação “entre ficção e testemunho, além da própria interrogação acerca dos limites da crítica literária frente a este objeto discursivo, tem como origem e fundamento o exato lugar, ou território, que o sujeito da enunciação ocupa.” (PATROCÍNIO, 2016, p. 156). Assim, enquanto sujeito da enunciação, Martins estabelece uma narrativa legítima que referencia situações e conflitos comumente presenciados pelas camadas segregadas:

Quando nós viu já era quase de noite. Uma larica que, sem neurose, era papo de quarenta mendigo mais vinte crente. Tava na hora de meter o pé. E foi aí que rolou o caô. Nós tava tranquilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. [...] Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu na porrada. (MARTINS, 2018, p. 15).

No trecho, o retorno para casa figura como percurso transpassado por outros obstáculos, a exemplo da opressão policial, que nega aos transeuntes da favela respeito e dignidade. A polícia, nesse contexto, é representada em sua dimensão repressiva e violenta, referenciando uma conjuntura histórica de constante abuso de poder. Percebe-se, por meio desse trecho, que negar a cidadania à determinadas camadas implica recusar sua participação nos palcos de atuação social, obstando a circulação desses indivíduos em espaços públicos. A literatura marginal-periférica, assim, ao problematizar os embates nas cidades, por exemplo, protagoniza expressões oriundas de localidades estigmatizadas da metrópole e atesta a segregação social dos espaços.

Para Regina Dalcastagnè (2007, p. 20), os marginalizados são “todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério.”. Dessa maneira, enquanto identidades coletivas que recebem avaliações depreciativas, esses grupos subalternizados representam a cidade em sua pujante constituição conflituosa, estranha e tensiva, conforme ressalta Gomes (1999).

Em “Rolézim”, o personagem percebe que, mesmo sendo inocente, será punido, iniciando uma fuga dos policiais, clímax que encerra o conto:

Não pensei duas vez, larguei o chinelo lá mermo e saí voado. O cana gritou na hora que ia aplicar. Passei mal, papo reto, fui correndo com o cu na mão, queria nem olhar pra ver qual ia ser. [...] Meu corpo todo gelou, parecia que tava feito. Era minha vez. Minha coroa ia ficar sem filho nenhum, sozinha naquela casa. Mentalizei Seu Tranca Rua que protege minha avó, depois o Jesus das minhas tias. Eu não sei como conseguia correr, menó, papo reto, meu corpo todo parecia que tava travado, eu tava todo duro, tá ligado? Geral na rua me olhando. Virei a cara pra ver se ainda tava na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas pra continuar revistando os menó. Passei batido! (MARTINS, 2018, p. 15-16).

Ao estilizar um enredo em que o personagem foge da polícia, mesmo inocente, o autor ressalta contraditórias configurações sociais e referencia o lado despótico e abusivo da força policial, que oprime sujeitos da periferia. Assim, quando põe em pauta situações e eventos comuns na vida dos moradores de favelas e periferias, Geovani Martins, sendo escritor socialmente engajado, dinamiza o cenário literário contemporâneo e questiona o centro a partir da periferia. Nessa empreitada, o escritor carioca estabelece novas centralidades e rasura normas sociais que engessam os lugares e perpetuam desigualdades. Estabelecer vinculações entre escrita e experiência vivencial em Geovani Martins significa empreender uma crítica biográfica que considera “o intrínseco ligamento da produção com a cultura do sujeito social: aquele mesmo sujeito que o estudo de biografia tradicional esqueceu que estava por detrás dos produtos artístico-culturais.” (BESSA-OLIVEIRA, 2014, p. 86).

Portanto, pauta-se a constituição social-biográfica desse autor que, a partir do olhar periférico, emprega uma escrita dissonante e questiona as fronteiras socioespaciais que apartam os lugares em periferias e centros, de forma a elucidar os mecanismos de desigualdade social. A segregação se estabelece como prática discursiva que deixa lacunas nas quais expressões contrárias ao engessamento das identidades se firmam. No conto “Espiral”, por exemplo, Geovani Martins focaliza um personagem que, ao perceber que é alvo de frequente discriminação, decide provocar e brincar com a imagem pejorativa que lhe é atribuída. No começo da narrativa, há destaque para as ambivalências sociais na qual o

personagem está inserido: “Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola, eles tremiam quando meu bonde passava.” (MARTINS, 2018, p. 17). No decorrer desse conto, o personagem narra momentos em que é alvo de discriminação, descrevendo situações em que provoca e intensifica o preconceito alheio:

Tudo começou do jeito que eu mais detestava: quando eu, de tão distraído, me assustava com o susto da pessoa e, quando via, era eu o motivo, a ameaça. Prendi a respiração, o choro, me segurei, mais de uma vez, pra não xingar a velha que visivelmente se incomodava de dividir comigo, e só comigo, o ponto de ônibus. No entanto, dessa vez, ao invés de sair de perto, como sempre fazia, me aproximei. Ela tentava olhar pra trás sem mostrar que estava olhando, eu ia chegando mais perto. Ela começou a olhar em volta, buscando ajuda, suplicando com os olhos, daí então coleí junto dela, mirando diretamente a bolsa, fingindo que estava interessado no que pudesse ter ali dentro, tentando parecer capaz de fazer qualquer coisa pra conseguir o que queria. Ela saiu andando pra longe do ponto, o passo era lento. Eu a observava se afastar de mim. Não entendia bem o que sentia. Foi quando, sem pensar em mais nada, comecei a andar atrás da velha. Ela logo percebeu. Estava atenta, dura, no limite de sua tensão. Tentou apertar o passo pra chegar o mais rápido possível a qualquer lugar. Mas na rua era como se existíssemos apenas nós dois. (MARTINS, 2018, p. 18).

Nesse trecho, o personagem nota o racismo que lhe é dirigido por outra pessoa e, ressentido, reforça esse preconceito, pondo à prova os riscos e limites de segregação espacial. O território urbano, conforme ressalta Henri Lefebvre (2002), revela-se como espaço de tensões e conflitos, como lugar do enfrentamento e da contradição. Ao segurar o choro e os protestos que pretendia lançar à senhora que o discrimina, o protagonista não procura livrar-se do estereótipo de criminoso e marginal, iniciando um jogo de provocação às convenções sociais. Ao fingir ser aquilo que pensam que ele é, ou deveria ser, segundo preconceitos sociais, o narrador inverte as relações de poder e transforma o estigma que o violenta em ferramenta de subversão, de maneira que, ao reproduzir a imagem negativa que lhe é imputada, não se permite constranger perante a negação de sua identidade.

Assim, o personagem se percebe vulnerável frente ao preconceito e, como estratégia de defesa, utiliza a discriminação em seu favor ao simular atitudes suspeitas, transitando pelos espaços e desafiando as fronteiras de aceitabilidade social:

Me perdia entre as personalidades, não conseguia escolher. Tinha medo. Até que um dia, andava pela rua, era noite alta, um homem virou a esquina no mesmo momento que eu, trombamos. Ele levantou os braços, se rendendo ao assalto. Eu disse: “Fica tranquilo. E vai embora”. Depois de muito tempo sentia mais uma vez aquele ódio primeiro, descontrolado, aquele que enche os olhos d’água. Há tempos já tinha me abstraído da humilhação, e até mesmo da vingança. Encarava o desafio com o olhar cada vez mais distante, científico. [...] Durante o primeiro mês, forcei nosso encontro muitas vezes. Em algumas ele ficou intimidado com minha presença, em

outras parecia não notar ou não se importar. Eu ficava me perguntando quando é que ele daria conta de minha existência. Três meses. Até o dia em que li em sua expressão o horror da descoberta. Muita coisa mudou depois disso. Mário passou a ser outra pessoa. Sempre preocupado, olhando em volta. Eu observava. Às vezes o perseguia claramente, via sua tensão crescer, até quase explodir. (MARTINS, 2018, p. 19).

Quando escolhe um alvo para testar o preconceito alheio, o personagem inicia uma perseguição por entre as ruas, curioso em provocar a simulação de um perigo que, para o perseguido, é um real. Nessa passagem, o sujeito marginalizado reproduz os estereótipos atribuídos à bandidos para começar uma falsa perseguição, testando os limites dos preconceitos que se instauram no espaço urbano. Além disso, em “Espiral”, o personagem nota as conexões entre asfalto e favela, porém ressalta os extremos que mantém desigualdades: “É tudo muito próximo e muito distante. E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros.” (MARTINS, 2018, p. 18). Dessa forma, ao problematizar os embates na urbe, percebe-se que o escritor carioca elucida que “Nossas cidades literárias são feitas, na verdade, de muitas ausências: mulheres, pobres [...], velhos, crianças, estão todos de algum modo excluídos das ruas e contornos urbanos que se delineiam nos textos contemporâneos.” (DALCASTAGNÈ, 2003, p. 49-50). Em “Espiral”, portanto, há perspectivas que abordem os contraditórios imbricamentos sociais e espaciais da cidade:

O que pouco se fala é que, diferente das outras favelas, o abismo que marca a fronteira entre o morro e o asfalto na Zona Sul é muito mais profundo. É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos o espaço da escada, atravessar as valas abertas, encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, pra depois de quinze minutos estar de frente pra um condomínio, com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis. (MARTINS, 2018, p. 17-18).

Em sua obra, o autor pauta questões contemporâneas, constatando que o “paradigma centro-periferia e as políticas que têm a ideia de localidade como eixo central não mais davam conta do fenômeno.” (HOLLANDA, 2016, p. 103). Nessa passagem, o narrador descreve relações entre espaços periféricos e não periféricos, estabelecendo vinculações que, apesar de estreitas, demonstram também a divisão entre classes sociais fisicamente próximas, porém culturalmente distantes. Essa rede de articulações estilizada no conto possibilita compreender a cidade enquanto território híbrido e multifacetado, rasurando perspectivas estanques que tornam absolutas a distinção entre cidade e periferia. Tal premissa permite ressaltar que a periferia, em sendo lócus cultural, também é espaço de significação, evidenciando que

“Centros sempre tiveram suas periferias, e as periferias, por sua vez, sempre tiveram seus centros.” (PELÚCIO, 2012, p. 412).

Nessa direção, notabilizar a presença do espaço biográfico, nesses contos, significa analisar também as ambivalências do espaço urbano, permitindo notar, nessas narrativas, possíveis relações entre a experiência social do autor e sua obra literária. Uma breve crítica biográfica, nesse aspecto, ao permitir abranger “a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção” (SOUZA, 2007, p. 111). Ademais, Edgar César Nolasco (2010, p. 36) assevera que “O campo do bios, ou melhor, da crítica biográfica, é regido por um saber biográfico resultante da inter-relação entre vida, obra e cultura, tanto do sujeito analisando (escritor, artista, intelectual) quanto do analista (crítico, intelectual).”.

No mais, Alejandro Reyes Arias (2011), ao comentar acerca das implicações autobiográficas da literatura marginal-periférica, reforça que “pode-se dizer que muita desta literatura tende a apagar — ou embaçar — as fronteiras entre os gêneros literários: romance, memória, autobiografia, crônica, reportagem, testemunho, etnografia” (p. 13). Com base nessa discussão, não se considera a obra de Geovani Martins sob o crivo autobiográfico, mas se reconhece as experiências contextuais e vivenciais do escritor como fatores que influenciam na construção de sua narrativa. Ao fazer essa relação, efetua-se, mesmo que de maneira breve, uma crítica biográfica compósita, conforme os pressupostos de Eneida Maria de Souza (2007) e Edgar César Nolasco (2010). Nesse sentido, no que diz respeito aos contos aqui brevemente analisados, percebe-se que tanto em “Rolézim” quanto em “Espiral” há processos de periferização do centro, na qual os personagens representam sujeitos historicamente subalternizados que se apropriam dos espaços como estratégia de reterritorializar os lugares, estabelecendo novas formas de legitimação identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto literatura marginal-periférica, os contos presentes em *O sol na cabeça* referenciam contextos culturais que permeiam o lócus social do autor, refletindo representações urbanas que se espelham sob a ótica vivencial de Geovani Martins. Dessa forma, enquanto produção ficcional, as narrativas do escritor carioca não figuram estritamente sobre o prisma autobiográfico, mas reverberam sua experiência social, atribuindo protagonismo aos sujeitos periféricos e atuando pela democratização dos espaços. A cidade,

mesmo sendo espaço da repressão e do conflito, também se efetiva lugar de legitimação identitária e resistência.

Nos contos da coletânea aqui destacados, a saber: “Rolézim” e “Espiral”, nota-se que abundam os trechos nos quais a cidade é representada em sua espacialidade diversa, conflituosa e híbrida, pois a periferia, nesses contos, se intercala com os centros e outros setores não-periféricos da urbe. Por essas vias, objetivou-se discutir de que maneira a metrópole é inscrita nessas narrativas, depreendendo específicas representações da cidade que refletem o contexto de seus produtores e os agentes sociais envolvidos. Em *O sol na cabeça*, percebe-se que os sujeitos validam suas existências também pela ocupação dos lugares públicos, na reunião coletiva e pela troca partilhada dos espaços com outros indivíduos periféricos.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARIAS, Alejandro Reyes. **Vozes do porão**: A Literatura Periférica do Brasil. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Latino-Americana) – Universidade da Califórnia, Berkely, 2011.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. A natureza compósita da crítica biográfica Eneida Maria de Souza. In: **Cadernos de Estudos Culturais**: Eneida Maria de Souza: uma homenagem. v. 6, n. 12. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014, p. 69-100.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea, **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 21, p. 33-53, 2003.

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema, **Ipotesi: revista de estudos literários**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 19-30, 1999.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. Práticas de leitura periféricas: experiências literárias e políticas. IN: LIMA, Elizabeth Gonzaga de. et al. **Leitura e Literatura do Centro às Margens**: Entre Vozes, Livros e Redes. São Paulo: Pontes, 2016, p. 101-109.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Literatura marginal**: os escritores de periferia entram em cena, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. In: **Cadernos de estudos culturais: Crítica Biográfica**. v. 2, n. 4. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010, v. 2, n. 4, p. 35-50.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Subalterno, Periférico e Marginal: Os Novos Sujeitos da Enunciação no Cenário Cultural Brasileiro. In: ALMEIDA, Júlia. SIEGA, Paula (Orgs). **Literatura e voz subalterna**. Espírito Santo: Edufes, 2016, p. 149-170.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara-pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, 2012, p. 395-418.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007. p. 105-113.

